

Rousas J. Rushdoony

O capitalismo é supremamente um produto do Cristianismo e, em particular, do Puritanismo que, mais que qualquer outra fé, tem promovido a capitalização.

CRISTIANISMO & CAPITALISMO



Cristianismo & Capitalismo

Rousas J. Rushdoony

(originalmente publicado na década de 1960)

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Monergismo - www.monergismo.com

Dezembro/2008

RECOMPENSAS E CASTIGOS

Uma opinião comum em anos recentes sustenta que recompensas e castigos representam um meio prejudicial de lidar com crianças ou adultos. Somos informados que recompensas produzem motivos errados naqueles que ganham e que são traumáticas para aqueles que perdem. É dito também que o castigo é meramente uma vingança. Sobre essas premissas, alguns educadores têm eliminado a atribuição de notas, bem como outras formas de recompensa e castigo. Esse ódio por recompensa e castigo é uma forma de ataque sobre os conceitos inter-relacionados de *competição e disciplina*. Quer na esfera espiritual, com respeito ao céu, ou no mundo acadêmico por notas, ou no mundo dos negócios por lucros, castigos e recompensas (ou penalidades) motivam as pessoas (*Sl 19.11; 58.11; 91.8; Mt 5.11; etc.*). Essa motivação leva à competição, e a competição requer disciplina, autodisciplina, disciplina sob a lei civil e criminal, e disciplina sob Deus (*Hb 12.1-11*). E um resultado da competição honesta é o caráter.

Mas, algumas pessoas objetam, por que não por cooperação? Não é a cooperação um método superior à competição? Mas, como declarado por Campbell, Potter e Adam em *Economics and Freedom* [Economia e Liberdade], “num mercado livre, a cooperação voluntária e a competição são nomes para o mesmo conceito econômico”. Historicamente, a competição do mercado livre tem sido apenas possível onde uma cultura comum e uma fé comum levam indivíduos a cooperarem uns com os outros. Os homens competem por cooperação na confiança que outros respeitem a qualidade, e eles constantemente melhoram seus produtos e serviços para conseguir essa cooperação. A cooperação morre se a competição morrer, pois então a “tração”, compulsão e a força substituem as atividades livres e cooperativas do mercado.

Fundamentalmente, recompensas e castigos pressupõem duas coisas. Primeiro, pressupõem Deus, que estabeleceu certos retornos na forma de recompensas e penalidades na própria natureza do universo, bem como em sua lei moral (*Ex 20.5, 6; Jd 5.20*). Assim, qualquer ataque sobre a idéia de recompensas e castigos é um ataque sobre a ordem de Deus. Segundo, recompensas e castigos pressupõem liberdade como básica para a condição do homem. O homem é livre para se esforçar, competir, trabalhar por recompensas e sofrer penalidades. Dessa forma, qualquer ataque sobre esses conceitos é também um ataque sobre a liberdade; é uma insistência que nivelar a igualdade com total controle é uma condição melhor para o homem do que a liberdade é ou possa ser. S. Paulo declarou, “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (*2Co 3.17*). Deus e liberdade são inseparáveis. E a liberdade pressupõe e requer a atividade livre; ela tem seu esforço, suas recompensas e castigos, seu céu e inferno, seu êxito e fracasso. Essas são as condições necessárias da liberdade. A alternativa é a escravidão. A escravidão oferece uma forma muito real de segurança, mas isso o faz também a morte e um cemitério (*Dt 30.15-20*). Respeitar recompensas e castigos, competição e disciplina, é respeitar a própria vida, e valorizar o caráter e a autodisciplina. Isso significa, simplesmente, escolher a *vida*: “escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência” (*Dt 30.19*).

LIBERDADE SOB DEUS

Um dos grandes fundadores do sistema americano foi o Rev. John Cotton (1584-1658), que tornou básica para o governo colonial a premissa que a lei e ordem piedosa significam *poder limitado* e *liberdade limitada*. Nem o homem, nem o seu governo civil têm o direito moral ao poder ilimitado ou à liberdade ilimitada. Em todos os tempos deve haver poder e liberdade sob a lei, e, ultimamente, sob Deus (*Dt 17.14-20; Pv 8.15, 16; 1Rs 2.1-4, etc.*).

Mas hoje temos exigências para tanto poder como liberdade ilimitada, que são idéias mutuamente contraditórias. Temos também a crescente afirmação que a liberdade não é sob a lei e sob Deus, mas *fora da lei*. Há aqueles que crêem que podem ser livres somente negando as afirmações de todas as leis e afirmando que os verdadeiros direitos e a verdadeira liberdade significam uma *liberdade da lei*.

A fé bíblica e essa lei verdadeira é um dom de Deus e o fundamento da liberdade do homem (*Dt 16.20*). A lei é a condição da vida do homem: assim como o homem fisicamente respira o ar para viver, assim social e pessoalmente seu meio-ambiente de vida é a lei, a qual a graça de Deus o capacita a ter e guardar (*Sl 119; Pv 6.23*). O homem não pode viver sem lei, assim como não pode viver sem comer. O propósito da lei de Deus é a vida; como Moisés declarou, “o SENHOR nos ordenou que cumpríssemos todos estes estatutos... para nos guardar em vida” (*Dt 6.24*). O homem foi criado e é salvo por Deus para viver pela lei, pois sua disciplina é “o caminho da vida” (*Pv 6.23*).

Aqui temos a grande divisão. Os americanos, educados durante algumas gerações na perspectiva bíblica, têm visto a liberdade como vida sob a lei de Deus, mas muitos hoje estão afirmando que a liberdade é escapar da lei.

As alternativas à liberdade sob Deus, liberdade sob a lei, foram declaradas claramente por Karl Marx. Elas são duplas. Primeiro, alguém pode ter anarquia, todo homem uma lei para si mesmo, com nenhuma lei, e uma “liberdade” total de qualquer responsabilidade para com alguém. Segundo, alguém pode trocar Deus pelo Estado, e a lei total do Estado substitui a lei de Deus. A liberdade então desaparece e o Estatismo ou comunismo total para o “bem-estar” do homem toma lugar. Isso é uma negação da liberdade como um ideal “burguês”, e uma substituição da liberdade pelo bem-estar planejado pelo Estado como a verdadeira felicidade do homem.

Toda tentativa, portanto, de remover essa república do “sob Deus” significa que o anarquismo ou comunismo será certamente o resultado, quer planejado ou não por aqueles que atacam o lugar de Deus na vida americana. Essa é uma alternativa inescapável.

Para restaurar a verdadeira liberdade, devemos restaurar a verdadeira lei (*Is 8.20*). A Bíblia fala da “lei perfeita da liberdade” (*Tg 1.25; 2.12*), pois ela vê a lei de Deus como a própria fonte e fundamento da liberdade do homem. Devemos abandonar a idéia perigosa que liberdade significa um escape da lei: isso pode ser verdade somente se o escape for do comunismo, que não é lei verdadeira, mas sim tirania. A palavra *tiranía* vem de uma antiga palavra grega com um significado simples: significa governo secular ou humano no lugar da lei, no lugar da verdadeira liberdade sob Deus.

O sistema americano não é anarquia nem tirania, mas *liberdade sob Deus*.

A RIQUEZA É ALGO MORAL?

Muitos escritores atuais inferem que Jesus e a Bíblia falam contra a riqueza como algo imoral. É verdade que a Parábola do Homem Rico (*Lc 16.19-31*) nos mostra o homem rico no inferno e o pobre Lázaro no céu, *mas* a condenação do homem injusto vem do rico Abraão no céu. Novamente, embora Jesus tenha dito, “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (*Mc 10.25; Mt 19.24*), o mesmo capítulo deixa claro que Jesus quis dizer que nenhum homem, rico ou pobre, pode salvar a si mesmo: “Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível” (*Mt 19.26*). Em outras palavras, a salvação não é um trabalho “faça você mesmo” para ninguém, rico ou pobre; é obra e dom de Deus. Muitos homens e mulheres ricas estavam entre os salvos que tinham um relacionamento próximo de Jesus (*Lc 8.2-3; 19.1-19; 23.50-53*).

A Bíblia condena a riqueza ganha de maneira fraudulenta, mas declara que a riqueza honesta é uma bênção. Primeiro, portanto, a riqueza honesta deve ser desejada como uma *bênção de Deus*. “A bênção do SENHOR é que enriquece [i.e., rico materialmente]; e não traz consigo dores” (*Pv 10.22*). A posse de riqueza é *legal e protegida* nos Dez Mandamentos por dois mandamentos: “Não furtarás” e “Não cobiçarás” (*Ex 20.15, 17; Dt 5.19, 21*). Jesus confirmou isso e assumiu a legalidade da riqueza como um princípio piedoso (*Mt 25.14-30; Lc 19.12-27; 16.1-8*). Jesus deixou claro que a riqueza moralmente adquirida é uma bênção de e sob Deus: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (*Mt 6.32s.; Lc 12.30s.*), e não há nada errado em desejá-la, se andamos em termos da prioridade da fé em, e obediência a, Deus.

Segundo, a riqueza é moralmente boa, mas é um bem subordinado, um meio para uma vida melhor, e não um fim em si mesmo. E ela é muito incerta para ser o objetivo da vida (*Mt 6.19s.*), e a riqueza pode co-existir com a pobreza de alma (*Lc 12.16-21; 14:18s.; Mt 22.6s.*). Assim, a riqueza tem perigos morais quando ela se torna primária, e não secundária na vida de um homem. Não é o dinheiro que é a raiz de todos os males, mas “o amor ao dinheiro”, e a cobiça por dinheiro com esse amor pervertido é citado como pecado por Paulo (*1Tm 6.10*). Os socialistas podem ser tão culpados de “amor ao dinheiro” como qualquer outra pessoa. Dessa forma, riqueza e prosperidade podem ser perigosas, se os homens fazem dela o objetivo da vida, se eles as idolatram.

O mal, então, não está na riqueza como tal, mas no coração dos homens, e falar de riqueza como imoral é uma *lógica* falsa, uma insistência que as coisas são imorais, e não o homem. Mas, como Paulo escreveu a Tito: “Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infieis; antes o seu entendimento e consciência estão contaminados” (*Tt 1.15*). Dessa forma, embora homens imorais possam adquirir e usar erroneamente riquezas, é o seu coração e ações que são imorais, e não a riqueza em si. Em seu lugar devido, portanto, a riqueza não é somente moral, mas também bendita, e pode ser honestamente desejada, adquirida e mantida, e é um benefício para toda a sociedade.

CAPITALIZAÇÃO É O PRODUTO DE TRABALHO E PARCIMÔNIA

Capitalização é o produto do trabalho *e parcimônia*, a acumulação de riqueza e o uso sábio da riqueza acumulada.

Essa riqueza acumulada é investida em efeito no progresso, pois é tornada disponível para o desenvolvimento dos recursos naturais e a comercialização de mercadorias e produtos.

A parcimônia que leva à economia ou acúmulo de riqueza, à capitalização, é um produto do *caráter* (*Pv 6.6-15*).

A capitalização foi um produto em cada período da disposição Puritana, da atitude de abrir mão de prazeres presentes para acumular certa riqueza para propósitos futuros (*Pv 14.23*). Sem caráter, não há capitalização, mas sim descapitalização, a exaustão contínua da riqueza.

Como resultado, *o capitalismo é supremamente um produto do Cristianismo* e, em particular, do Puritanismo que, mais que qualquer outra fé, tem promovido a capitalização.

Isso significa que antes que a descapitalização, quer na forma de socialismo ou inflação, possa ocorrer, deve haver um colapso da fé e do caráter. Antes dos Estados Unidos começar seu percurso no socialismo e na inflação, ele teve que abandonar sua posição cristã. O povo passou a ver mais vantagem em gastar capital do que em acumulá-lo, em desfrutar prazeres superficiais do que viver em termos dos prazeres duradouros da família, fé e caráter.

Quando o socialismo e a inflação saem a caminho, tendo começado no declínio da fé e do caráter, eles vêm como seu inimigo comum precisamente aquelas pessoas que ainda têm fé e caráter.

Como haveremos de nos defender? E como podemos ter um retorno ao capitalismo? O capitalismo revive somente se a capitalização reviver, e a capitalização depende, em sua forma melhor e mais clara, daquele caráter produzido pelo Cristianismo bíblico.

Isso é escrito por alguém que crê intensamente no Cristianismo ortodoxo e em nossa liberdade e herança cristã histórica. É meu propósito promover aquela capitalização básica da sociedade, da qual tudo o mais flui, *o capital espiritual*. Com o capital espiritual de uma fé bíblica e centrada em Deus, nunca podemos nos tornar espiritual e materialmente falidos (*Pv 10.16*).

SOCIALISMO E INFLAÇÃO DESCAPITALIZAM UMA ECONOMIA

Descapitalização significa a destruição progressiva de capital, de forma que uma sociedade tem progressivamente menos habilidade produtiva. Descapitalização é a dissipação da riqueza acumulada (*Pv 14.23*).

Capitalização é o acúmulo de riqueza por meio do trabalho e parcimônia. Uma economia livre, o capitalismo, é uma impossibilidade sem capitalização (*Pv 10.16*).

Alguns dos países agrícolas potencialmente mais ricos são importadores de produtos agrícolas, tais como a Venezuela e o Chile. As áreas de pesca da Costa Pacífica da América do Sul são algumas das mais ricas conhecidas no mundo, ricas o suficiente para alimentar os países daquela área:

“Pescadores chilenos não conseguem comercializar peixe apropriadamente, e atiram quantidades incríveis de peixes capturados no mar, pois não tem armazenamento nem transporte suficiente para levar os peixes aos mercados. Assim, não existe uma falta de trabalho nem uma falta de mercado para os peixes, mas a capitalização necessária para fornecer as facilidades de reunir trabalho, produto e mercado onde isso está faltando.”

Muito do mundo está na mesma situação difícil: tem o trabalho, os recursos naturais, e o comércio faminto por seus produtos, mas carece do capital necessário para fazer o fluxo das mercadorias possível. O socialismo tenta resolver este problema, mas somente o agrava, pois aumenta a pobreza de todos interessados. O socialismo e a inflação realizam o mesmo propósito: eles descapitalizam uma economia.

A inflação acontece quando as pessoas têm latrocínio em seu coração, e o mesmo é verdade do socialismo. O socialismo é latrocínio organizado; como a inflação, ele toma de quem tem e dá a quem não tem. Ao destruir o capital, ele destrói o progresso e empurra a sociedade ao desastre.

À medida que os produtos da capitalização começam a se esgotar, não existe novo capital para substituí-los, e o Estado não tem capital próprio: ele somente empobrece o povo mais e, portanto, a si mesmo, tentando criar capital por cobrança de impostos.

Todo Estado socialista se descapitaliza progressivamente.

AME TEU PRÓXIMO – O QUE ISSO SIGNIFICA?

Um versículo bíblico familiar é frequentemente usado por muitos para justificar o socialismo e atacar a defesa da propriedade como “egoísmo”. Mas o mandamento, “amarás o teu próximo como a ti mesmo”, exige compartilhar a riqueza, para programas de bem-estar, e para uma unidade mundial?

As principais passagens bíblicas explicando esse versículo são Levítico 19.15-18, 33-37; Mateus 19.18, 19; 22.34-40; e Romanos 13.8-10. O que elas nos dizem?

Primeiro, quem é o meu próximo? Em Levítico 19.33-37, Moisés deixa claro que nosso próximo significa qualquer um e todos com quem nos associamos, incluindo nosso inimigo; e Jesus enfatizou isso na parábola do Bom Samaritano (Lc 10.29-37), citando a misericórdia do samaritano para com um inimigo, um judeu.

Segundo, o que a Bíblia quer dizer por amor? A palavra *amor* hoje é um termo que diz respeito a sentimento, um sentimento que é mais forte que os “laços” da lei. A palavra bíblica *amor* “é o cumprimento da lei” (Rm 13.10). Além do mais, amor tem referência primariamente ao cumprimento da lei de Deus; ele se relaciona à justiça na Bíblia, e se refere à lei de Deus e ao tribunal da lei de Deus. O homem moderno que quebra as leis sexuais ou de propriedade em nome do amor está, dessa forma, carente de amor da perspectiva bíblica, pois amor “é o cumprimento da lei”.

Terceiro, quais leis estão envolvidas no amor para com o nosso próximo? De acordo com Jesus (Mt 19.18-19), e novamente enfatizado por Paulo (Rm 13.8-10), amar o nosso próximo significa guardar a segunda tábua dos Dez Mandamentos na relação para com ele. Isso significa “não matarás”, ou não tomar a lei em nossas próprias mãos, que você deve respeitar o direito à vida dado por Deus ao seu próximo. “Não adulterarás”, significa que você deve respeitar a santidade do lar e da família do nosso próximo. “Não furtarás”, significa que devemos respeitar o direito à propriedade dado por Deus ao nosso próximo (ou inimigo). “Não levantarás falso testemunho” significa que devemos respeitar sua reputação. E “não cobiçarás” requer uma obediência a essas leis em pensamento bem como em palavras e atos.

Dessa forma, “amarás o teu próximo como a *ti mesmo*” é a base da verdadeira liberdade civil no mundo ocidental. Ele requer que nós respeitemos em todos os homens e em nós mesmos os direitos à vida, ao lar, à prosperidade e à reputação, em palavra, pensamento e ação. A palavra bíblica *amor* não tem nada a ver com amor erótico, que é anti-lei. O amor bíblico “é o cumprimento da lei” em relação a todos os homens. Ele não pede para que gostemos de todos os homens, ou que os introduzamos em nossas famílias e círculos, nem que compartilhemos nossas riquezas com eles. A Bíblia simplesmente diz: ame o amigo, o inimigo e a si mesmo, ao respeitar e defender esses direitos dados por Deus à vida, lar, propriedade e reputação para todos. Os “humanitaristas” modernos são, dessa forma, frequentemente culpados de violar a lei de Deus em nome de um amor anarquista. O amor bíblico guarda a lei.

Monergismo
www.monergismo.com